

# EDITORIAL

Kenia Ballvé Behr<sup>1</sup>

## Primeiras palavras

Sete anos após o lançamento do primeiro número de *Constructo – Revista de Psicanálise*, uma publicação inicialmente pensada para uma determinada comunidade, um novo passo está sendo dado e o periódico está passando por um momento de reformulação para seguir os modelos internacionais de cientificidade. Visando uma democratização do conhecimento através de uma maior acessibilidade e, também, com a finalidade de tornar a publicação indexada nas principais bases de dados, a revista segue com seu objetivo de criar um espaço de produção de pensamento e de reflexão através da palavra escrita, ampliando as formas de compartilhar e transmitir a psicanálise, mas agora em novo formato. Seguindo os avanços da tecnologia, o periódico, incluído em um Sistema Eletrônico de Editoração de Revistas, passa a ser disponibilizado *online*. Para isso, novos critérios foram adotados e os parâmetros de cientificidade das principais bases de dados estão sendo rigorosamente seguidos para que a revista possa contribuir de forma significativa para a área da psicanálise em suas vertentes teórica, clínica, metodológica e epistemológica.

É nesse novo formato que a edição de número 8 está sendo lançada e, como forma de celebrar esse novo momento, foi preparada uma publicação especial, dividida em duas seções. A primeira parte reverencia o pensamento de Christophe Dejours, autor entrevistado nesta edição, que também abre a revista com um artigo seu. Outros cinco artigos, que têm relação com sua obra, complementam esta primeira parte. Na segunda seção contamos com artigos sobre a adolescência, frutos de trabalhos apresentados em eventos da nossa Instituição ao longo de 2022.

## Alguns recortes sobre a trajetória de Christophe Dejours

Reconhecido psicanalista francês, psiquiatra e professor titular de Saúde e Trabalho Clínico, é também diretor de pesquisa e docência na Universidade Paris V. Professor no *Conservatoire*

---

<sup>1</sup> Psicanalista, fundadora e docente da *Constructo Instituição Psicanalítica*, editora da *Constructo Revista de Psicanálise* e fundadora do Grupo Jean Laplanche Brasil.

*National des Arts et Métiers* (CNAM), coordena o Laboratório de Psicologia do Trabalho e da Ação, dirigindo pesquisas sobre a clínica e a psicodinâmica do trabalho, psicossomática e metapsicologia do corpo, psicanálise e metapsicologia da clivagem. Membro do Instituto de Psicossomática de Paris e da Associação Psicanalítica da França (APF), Dejours é também Presidente do Conselho Científico da Fundação Jean Laplanche, órgão que tem por objetivo preservar o legado de Laplanche através da formulação de novas questões e desafios para o desenvolvimento da psicanálise, assim como frente ao diálogo da teoria psicanalítica com os problemas da contemporaneidade que possam levar a novos desenvolvimentos.

Autor de inúmeras contribuições sobre a psicologia do trabalho e sobre a psicossomática, foi a partir de ambas que surgiram os estudos de Dejours sobre o corpo e sobre a psicanálise. Da mesma forma que havia se tornado um nome muito importante na área da psicologia do trabalho, seu interesse e estudos sobre o corpo fizeram dele uma referência em relação a este tema, justamente por se manter em uma proposta diferente daquela usualmente adotada pelos estudiosos. Para os teóricos da psicanálise e também da psicossomática o conceito de corpo, em geral, é reduzido ao corpo biológico. Inclusive, desde o próprio Freud, como sabemos, há uma posição de reserva em relação a essa temática.

Foi no Instituto de Psicossomática (1978), dirigido por Pierre Marty e onde também ensinavam Michel Fain e Michel De M'Uzan, entre outros – fundadores da Escola Francesa de Psicossomática – que Dejours realizou a primeira formulação da Terceira Tópica (ou Tópica da Clivagem) através de observações e acompanhamento de pacientes psicossomáticos graves. Sua proposição inicial teve origem nas tentativas para compreender a questão da “servidão voluntária” (La Boétie), que questionava por que o ser humano se dedicava a causas que condena moralmente e que atacam as condições necessárias à subjetividade daqueles que estão a seu serviço. No entanto, ao longo do tempo o autor foi compreendendo que a tópica da clivagem está presente em todo ser humano, constituindo uma possibilidade que diminui os riscos do sofrimento psíquico e da descompensação psicopatológica ou somática.

Uma década depois Dejours e Laplanche se conheceram, e constituíram uma importante parceria com o objetivo de ampliar temas da psicanálise. Christophe conheceu, assim, a Teoria da Sedução Generalizada, de Laplanche, tendo retocado sua própria Terceira Tópica no ano de 2001, sob a influência daquela construção laplancheana. Em 2003, Laplanche propôs sua Tópica da Clivagem, agregando algumas modificações e diferenças em relação àquelas propostas por Dejours. Este reconhece a importância desse relacionamento, assim como da trajetória científica de Laplanche, identificando em sua obra uma sutileza e uma precisão extraordinárias em sua capacidade de discutir o legado freudiano. O autor retoma o conceito de Fain de uma “zona de sensibilidade do inconsciente”, que corresponde ao lugar a que o corpo da criança é remetido diante da comunicação originária com o adulto. Quando é comprometida pela sua violência compulsiva, a mensagem do adulto pode levar ao impedimento de qualquer viabilidade de

tradução por parte da criança, ficando banido o registro expressivo do jogo corporal e impedida a troca com o outro. Quando, mais tarde, esses jogos forem solicitados no encontro sexual, podem gerar uma ameaça ao Eu e até mesmo uma descompensação. Mas, ao mesmo tempo que representa um perigo, também permite uma aproximação ao conteúdo que escapa ao paciente, podendo permitir a apropriação dos jogos do corpo banidos anteriormente.

Para finalizar: eis alguns aspectos da teoria da técnica proposta por Dejours. O autor refere que (“Christophe Dejours – O corpo inacabado entre fenomenologia: entrevista”, entrevista a Benoîte Kanabus, Paris: 1913) a “linguagem é ao mesmo tempo, atrasada e insuficiente para dar conta do corpo subjetivo e do sofrimento. Todavia, a passagem da experiência vivida à sua elaboração, à sua simbolização, passa, ainda assim, pela palavra” (p. 334). Afirmar, no entanto, que a verbalização pode ser perigosa pelo risco de mobilizar violência ou excessiva angústia no paciente. A transferência é o motor capaz de desencadear uma crise na zona amencial. Para Dejours, a sensibilidade do analista, em psicanálise, é habitada por um conceito – e afirma que quanto mais conceitos tivermos, mais seremos mobilizados pelos meios intelectuais, mais sensíveis seremos. Comenta: “No divã o paciente fala, mas não fala apenas, não diz só palavras... há também o modo como o paciente as diz. Quando, de súbito, a palavra silencia, se perde na garganta ou quando o paciente parte bruscamente para outra coisa”.

Continua dizendo que o corpo está muito presente na palavra do paciente, está presente o tempo todo. Dejours afirma que a capacidade de tocar a subjetividade do paciente passa pela mobilização de um tecido conceitual. “E se você não conhecesse nada de psicanálise, não compreenderia o que o analisando diz. (...) E quanto mais sábio, mais experiência terá, mais trabalhará, mais compreenderá um sofrimento numa palavra do paciente” (p. 337). Afirmar também que tanto para o analista, como para o marceneiro, o músico ou o piloto, há uma espécie de curiosidade, de alerta à mínima vibração. Ele procura sentir primeiro com seu corpo, porque é o que vai levar à procura, à interrogação, para saber o que se passa, porque não é algo habitual. “De uma certa maneira há um alerta ao analista para não passar ao largo do que o paciente vai expressar do seu sofrimento singular. Há uma antecipação. É curioso porque não é preciso antecipar – em todo caso na intervenção – mas a curiosidade, a atenção, a sensibilidade – procura” (p. 337). “O analista está em vias de procurar, mas não sabe verdadeiramente o que procura – o que é extraordinário, mas procura. E quanto mais conceitos tem, mais a sua sensibilidade busca. E quando o que você procura chega, você acolhe. E aí você vê chegarem os jogos do corpo que não estavam presentes” (p. 337).

# Christophe Dejours



## PRIMEIRA PARTE

# Sobre o pensamento de Christophe Dejours

O artigo “O enigma psicossomático”, de autoria de Christophe Dejours, escrito em 2022, é o texto mais atualizado do autor sobre o tema. Em seu início traz uma interrogação: *de que maneira a psicanálise é afetada pelas doenças do corpo objetivo?* Em suas referências iniciais, o autor sustenta a presença da sexualidade infantil no funcionamento psíquico de todos os pacientes, incluindo aqueles que sofrem de patologias somáticas, além de afirmar que a violência compulsiva do adulto contra o corpo da criança tem um fundamental papel nas desconspensões somáticas. Junto a essas duas premissas, o autor ressalta a necessidade de uma metapsicologia do corpo que permita ao analista a compreensão da implicação erótica desse corpo na fala do paciente.

Ao transitar pelos principais pontos de seu desenvolvimento teórico, Dejours aborda a relação da causalidade psíquica, assinalando o caráter acidental de muitas das patologias somáticas, independentemente do funcionamento mental. Sustenta que a base para a compreensão do sentido do sintoma deve ser buscada nos acidentes de sedução, mas a doença que terá origem nesse acidente vai depender do terreno genético que protege o corpo, mesmo que o conflito psíquico se infiltre em cada crise relacionada com o acidente. O autor afirma que essa captura da intencionalidade pelo sintoma se constitui em uma dificuldade na prática analítica, embora o sentido do conflito pulsional possa ser buscado quando este é identificado.

Dejours também se detém na relação que existe entre a importância do trabalho e a saúde mental de todo indivíduo, já que além do trabalho como produção, há o trabalho para transformar a si mesmo, sendo que a sublimação teria papel fundamental no enigma da psicossomática em relação à luta pela saúde. Na última parte do artigo, o autor faz referência à prática da terapia na psicossomática, enfatizando a necessidade absoluta de o analista escutar o corpo na fala dos pacientes, comentando sobre a necessidade de continuar a busca de meios que ampliem o repertório dos jogos do corpo, permitindo a abertura de outros caminhos que levem a recursos a serem utilizados na prática analítica com pacientes somáticos.

## Entrevista com Christophe Dejours

A ideia de uma entrevista com Dejours surgiu após sua participação como convidado especial em uma jornada da *Constructo*, realizada em agosto de 2019. O tema das conferências proferidas por ele teve relação com o corpo e a psicanálise, despertando muita atenção dos participantes no evento, na medida em que sua abordagem tinha contornos muito próprios e bastante diferentes da forma como se apresentavam os estudos de outros autores sobre o tema. Na mesma ocasião, foi publicado um artigo do autor, na *Constructo Revista de Psicanálise*, número 4, cujo título era

“Corpo e psicanálise”. Apesar da bibliografia disponível e das conferências proferidas, restaram perguntas que foram propostas por escrito ao autor. Os temas das perguntas levantadas foram: a compulsão não sexual de morte e sua relação com os conceitos de pulsão de morte em Freud e a pulsão sexual de morte em Laplanche, bem como a relação do tema com a autoconservação; as diversas formas de violência contra a criança, os acidentes de sedução em diferentes intensidades e suas consequências; e, finalmente, a perlaboração através do trabalho do sonho.

## Artigos

Os próximos artigos apresentados têm relação com a obra de Dejours e completam a seção que está dedicada a seu pensamento.

O artigo intitulado “Algumas observações tradutivas endereçadas a Jean Laplanche”, de autoria de Francis Martens, foi publicado em 2006 na *Psychiatrie Française*. Trata-se de um texto que afirma a importância da Terceira Tópica para a Teoria da Sedução Generalizada, tópica proposta por Christophe Dejours e retomada por Laplanche. Martens se dedica especificamente a discutir a diferença da nomenclatura que os dois autores empregaram para o inconsciente que se opõe ao inconsciente recalcado, o que Dejours chamou de inconsciente amencial e Laplanche de inconsciente encravado. No texto, Martens expressou sua opinião sobre o tema, após a qual, incluiu a resposta que Laplanche lhe deu. A importância desse texto nos remete a discussões e às divergências de opiniões dos autores, fato que enriqueceu não somente a construção dessa nova articulação psicanalítica, como nos propicia até hoje conhecer os parâmetros históricos desse conhecimento e, ao mesmo tempo, nos possibilita dar continuidade à discussão por eles estabelecida.

No artigo “A voz do corpo: a psicossomática segundo Christophe Dejours”, Luciane Carniel Wagner discorre sobre sua trajetória no curso de medicina, quando enfrentou dificuldades para compreender as patologias somáticas, até ter contato com a obra de Dejours, onde encontrou uma teoria que lhe fez sentido. Neste artigo, a autora discorre sobre os principais pontos da teoria de Dejours desde o contato do adulto com o corpo da criança nos princípios da vida, o nascimento do corpo erógeno a partir do corpo biológico, assim como as dificuldades desse contato inicial entre o adulto e a criança quando, permeado pela violência do adulto, esse corpo estabelece uma vulnerabilidade ao adoecimento somático. Na segunda parte do seu texto, a autora traz a descrição de um caso bastante rico de uma paciente que apresenta uma patologia do corpo. A partir desse relato, demonstra a “descoberta” que fez, através de seu mergulho nos desenvolvimentos teóricos de Dejours acerca do enigma que aquela paciente carregava com sua obesidade, além, é claro, de ter-se aproximado dos meandros das patologias psicossomáticas e das alternativas possíveis de serem utilizadas no trabalho com esses pacientes.

O artigo “Recursos do método psicanalítico diante do intraduzível”, de autoria de Kenia Ballvé

Behr, Beatriz Camargo dos Santos, Mariana Lutz Biazzi e Clarissa Salle de Carvalho, publicado na *Revista Percurso* (2021) traz considerações sobre o tema do *intraduzível*, como aquilo que impede a organização de um espaço de recomposições psíquicas a partir de ligações, construções e retranscrições, que permitem um ordenamento do psiquismo humano. Partindo de Jean Laplanche as autoras situam o efeito das *mensagens enigmáticas* endereçadas ao *infans* pelo adulto, as quais a criança deve traduzir e historizar para se constituir como sujeito psíquico. Por vezes, o traumático dessas mensagens deixa a criança exposta a uma intensidade de excitação que impede qualquer possibilidade de metabolização. Nesse fracasso radical da tradução, nada pode ser traduzido, dando origem ao *inconsciente encravado*, negando ao intraduzido um estatuto de fixação ao inconsciente recalcado. Na medida em que a técnica clássica freudiana não se mostrava efetiva frente às demandas dos *estados limites* e das *psicoses*, os psicanalistas vêm propondo, nos últimos anos, algumas modificações da técnica que atendem a essa demanda da contemporaneidade. Nesse sentido, o presente artigo explicita as propostas teórico-clínicas de Silvia Bleichmar e Christophe Dejours, que ampliam os limites da analisabilidade, em uma nova tentativa de estruturação do Eu, para uma possível apropriação de elementos até então intraduzíveis.

“A pulsão, o sexual e a compulsão: o mortífero em Freud, Laplanche e em Dejours”, escrito por Mariana Lütz Biazzi, define as patologias de fronteira e a necessidade que a psicanálise teve de expandir o método psicanalítico tendo em vista fenômenos não neuróticos na clínica. Assevera a autora, nesse sentido, a importância do estudo da pulsão de morte e seus desdobramentos para uma melhor compreensão dessas manifestações. Situa o mortífero, em Freud, como uma força indomável e destrutiva que arrasta uma satisfação sexual, ligando o desejo agressivo ou sexual ao desejo de morte. Em Laplanche, Mariana refere que, sendo a pulsão produto da sedução e do recalçamento, é situada no âmbito da sexualidade, e tem a tradução como ponto crucial na constituição do psiquismo. A falha da tradução dá origem ao inconsciente encravado, quando a tradução pode tornar-se impossível. A autora cita o ponto de vista de Christophe Dejours sobre o mortífero, relacionando-o com o corpo erógeno, que parte do corpo biológico, marcando que o fracasso dessa subversão libidinal pode gerar a vulnerabilidade dos pacientes não neuróticos, dando origem ao inconsciente amencial, que se manifesta como uma espécie de compulsão, referida por Dejours como “uma compulsão (não sexual) de morte”.

O artigo “Tópica da clivagem, supereu e sexualidade”, escrito por Luiz Carlos Tarelho, propõe uma discussão sobre a tópica da clivagem, proposta por Dejours e retomada por Laplanche em seu modelo teórico. Este artigo reproduz o trabalho apresentado pelo autor nas *Journées Internationales Jean Laplanche*, em julho de 2022, na França. Tarelho sugere uma concepção diferente na formação desta clivagem, associando-a ao processo de recalçamento e destacando em sua formulação o lugar da sexualidade e a função do supereu. Propõe pensar a existência de uma barreira entre o Eu e o inconsciente encravado, através de uma recusa estrutural que se formaria através do supereu. A clivagem do supereu teria relação direta com a clivagem vertical, que separa o Eu e o inconsciente recalcado do inconsciente encravado. Mostra que a

relação entre o autoerotismo, a pulsão de morte e o recalçamento depende da possibilidade de situar esses três elementos no contexto da tópica, explicitando a importância central do papel do supereu nesse contexto. Sugere que a estabilidade da vida psíquica depende da capacidade do supereu para exercer essa dupla função sendo, ao mesmo tempo, um motor de tradução – ligação e um agente de contenção do desligado.

## SEGUNDA PARTE

### Adolescência

Na conferência “Os adolescentes contemporâneos”, proferida por Florian Houssier, em maio de 2022, em uma atividade do Núcleo da puberdade e adolescência, intitulada “Adolescências contemporâneas”, o autor abordou diversos aspectos metapsicológicos do adolescente, assim como especificações da clínica com estes, dois aspectos enriquecidos por vinhetas clínicas. Houssier refere as principais características do processo adolescente como uma fragilidade psicológica, além de uma intensa carga pulsional púbere que intervém antes de existir nele a possibilidade de a conter, somando-se a isso a revivescência de fantasias edípicas. O autor detém-se em fenômenos típicos dessa etapa de vida, tais como a passagem ao ato ante a angústia sentida frente à potência das pulsões, que se dá em um contexto de luta contra a desarticulação da unidade do Eu. Propõe que a posição mais adequada do terapeuta de adolescentes é aquela que oferece apoio narcísico na luta contra a explosão pulsional, assim como o fortalecimento das defesas do Eu que visam a interiorização do conflito psíquico, favorecendo a integração da dinâmica pulsional.

Outra conferência, nomeada “Sobre a metapsicologia da adolescência”, que também ocorreu no evento citado anteriormente, foi proferida por Raquel Moreno Garcia, que caracteriza a adolescência como um tempo de vida em que o sujeito se sente estranho, sendo que uma das principais razões para tal reside nas importantes modificações que ocorrem em seu corpo. Ressalta a importância das identificações aportadas pelo outro na consolidação de sua identidade. Segundo a autora, entre os compromissos maiores da psicanálise em relação a esses tempos, se situa a escuta de suas dores, seus amores e ódios, assim como em suas possibilidades de exploração e intensidades que dificultam essa travessia. Raquel também ressalta a necessidade de uma metapsicologia adolescente, que oriente a escuta do psicanalista frente à adolescência contemporânea.

Finalmente, o artigo “A adolescência e suas dores”, baseado em uma conferência com o mesmo título, apresentada na atividade “Terças Psi”, em “A adolescência e suas dores”, Marta Rezende Cardoso refere que a problemática da adolescência é considerada uma experiência subjetiva crucial e fronteira como travessia da vida infantil à vida adulta. Nessa caminhada a dimensão da relação entre o eu e o corpo e entre o eu e o outro é especialmente afetada, sendo também um

processo importante na busca de afirmação de uma posição subjetiva, o que exige do psiquismo um árduo trabalho. A vivência de sofrimento e de dor psíquica relativa às múltiplas rupturas e perdas inerentes à adolescência, demanda um trabalho análogo ao processo de luto, o qual se articula estreitamente com a questão da dependência e da autonomia subjetiva. O objetivo principal da autora neste artigo é explorar a dimensão do sofrimento adolescente que, como fenômeno próprio da subjetividade humana, comporta múltiplos elementos, desde aqueles relativos à psicopatologia da vida cotidiana até os inerentes à psicopatologia no sentido estrito do termo.

BOA LEITURA A TODOS!